



SEÇÃO DE LIVROS

O DIA
MAIS LONGO
DA HISTÓRIA

*Condensação
de um livro a sair*

CORNELIUS RYAN

NUNCA ATÉ hoje se contou a história do que aconteceu de *ambos os lados* das forças em combate no Dia-D. Graças a laboriosas pesquisas na Alemanha, na Normandia, na Inglaterra e nos Estados Unidos, Cornelius Ryan levantou a cortina para uma profusão de relatos dramáticos e até hoje ocultos sobre aquelas importantes 24 horas. O General Sir Frederick Morgan, que foi um dos principais estrategistas da invasão por parte da Inglaterra, diz deste livro: "É uma apresentação de história viva. É grandioso, empolgante . . . tem muito de obra-prima." (Esta condensação é a segunda e última parte.)

Os homens do Dia-D não podiam marchar senão para a frente—havia começado a invasão aliada da Europa de Hitler. Sobre o Canal da Mancha o trovejar dos aviões enchia a noite. Rompendo a marcha, vinham balizadores—os homens que iluminariam as zonas de lançamento para os pára-quedistas e a infantaria transportada em planadores. Atrás, em sucessivas formações, vinham os grandes exércitos aliados de pára-quedistas.

Embaixo, vencendo as escuras águas do Canal em cinco linhas principais de comboios, vinha o grosso da força de invasão aliada—mais de 2.700 navios atulhados de canhões, tanques, carros blindados e homens enjoados, mas decididos. Dirigiam-se para cinco praias que se estendiam pela costa da Normandia. Os ingleses e canadenses atacariam as praias Espada, Juno e Ouro, à esquerda; os americanos, as praias Utah e Omaha, à direita.

Os alemães haviam espalhado pelas praias de invasão uma floresta de obstáculos submarinos, pontiagudos e minados, para rasgar e destruir os barcos de invasão. Nas areias das praias havia minas para despedaçar tanques e homens. Além das praias, nas elevações do terreno, em casamatas de cimento, em parapeitos e trincheiras, as tropas de Rommel aguardavam com as metralhadoras e os canhões já apontados. A espera havia terminado. . . .

O DIA MAIS LONGO DA HISTÓRIA

POUCO DEPOIS da meia-noite, em 6 de junho de 1944, o Major Werner Pluskat, da 352.^a Divisão Alemã, foi despertado por um sinistro fragor que enchia o céu. Pluskat estava no seu quartel-general em Etreham, seis quilômetros para o interior da costa da Normandia.

Atarantado, ainda tonto de sono e em trajes menores, pegou no telefone e ligou para o Tenente-Coronel Ocker, seu comandante de regimento.

—Que é que está acontecendo?—gritou êle pelo telefone.

O barulho dos aviões e do tiroteio

estava aumentando e o instinto mostrava claramente a Pluskat que não se tratava apenas de um assalto aéreo.

Ocker se mostrou aborrecido com o telefonema de Pluskat.

—Meu caro Pluskat—disse êle friamente—não sabemos ainda o que está acontecendo. Receberá comunicação quando soubermos.

O telefone foi desligado com um estalo sêco. A resposta não satisfiz Pluskat. Havia 20 minutos que os aviões roncavam pelo céu pontilhado de artifícios iluminantes, bombardeando a costa a leste e a oeste. O setor da costa de Pluskat, no centro, estava inquietamente sossegado. Do seu quartel-general, instalado num velho castelo, comandava quatro baterias—20 canhões ao todo—que cobriam metade da área que dentro em breve seria conhecida como a Praia Omaha.

Pluskat telefonou nervosamente para o comando da divisão e falou com o oficial do serviço de informações da 352.^a, o Major Block.

—Deve ser apenas outro bombardeio aéreo, Pluskat—disse-lhe Block.—Não se sabe ainda.

Pluskat desligou um pouco desconcertado. Talvez estivesse sendo muito impulsivo. Afinal de contas, Pluskat se recorda agora, depois de semanas de ordens de prontidão dadas e revogadas, aquela era uma das poucas noites em que os seus homens tinham recebido ordem de descansar.

Pluskat já estava inteiramente acordado, inquieto demais para dor-



mir. Ficou por algum tempo sentado na cama. Aos seus pés, Harras, o seu cão-policial, estava tranqüilamente deitado. Ao longe, Pluskat ouvia ainda o zumbido dos aviões. O telefone tocou e Pluskat atendeu.

—Há notícia de pára-quedistas na península—disse com voz calma o Tenente-Coronel Ocker.—Ponha os seus homens de prontidão e vá imediatamente para a costa.

Minutos depois, Pluskat e dois dos seus oficiais, o Capitão Ludz Wilkening e o Tenente Fritz Theen, entraram no seu pòsto de comando avançado, um abrigo para observação construído nos penhascos perto da aldeia de Ste.-Honorine.

Pluskat tomou imediatamente posição diante de uma luneta de artilharia de grande alcance, assentada num pedestal em frente de uma das duas estreitas aberturas do abrigo. O pôsto de observação não poderia estar mais bem situado. Elevava-se mais de 30 metros acima da praia e estava quase no centro do que seria dentro em pouco a cabeça-de-praia da Normandia. Num dia claro, daquele ponto privilegiado poder-se-ia ver desde a ponta da península de Cherburgo, à esquerda, até ao Havre, à direita.

Mesmo então, ao luar, Pluskat dispunha de amplo campo de visão. Movendo lentamente a luneta de um lado para outro, examinou tôda a baía. Nada viu de extraordinário. Por fim, afastou-se.

—Nada há por lá—disse êle a Theen, enquanto telefonava para o comando do regimento.

Nessa altura, notícias vagas e contraditórias estavam chegando aos postos de comando do Sétimo Exército Alemão em tôda a Normandia, e por tôda a parte os oficiais procuravam apurá-las. Não sabiam de muita coisa—vultos vistos aqui, tiros disparados ali, um pára-quedas suspenso de uma árvore acolá. Eram indícios de alguma coisa, mas de quê? Quantos homens haviam descido—dois ou 200? Eram tripulantes de um bombardeiro que se haviam lançado de pára-quedas? Seria uma série de ataques da Resistência Francesa? Ninguém tinha certeza—e com base nas informações conseguidas não havia

ninguém no quartel-general do Sétimo Exército ou do 15.º Exército, na zona do Pas-de-Calais, que estivesse disposto a dar um alarma... um alarma que poderia ser depois um rebate falso. E assim os minutos se iam passando.

EMBORA os alemães não o reconhecessem como tal, o aparecimento de pára-quedistas na península de Cherburgo era sinal de que o Dia-D havia começado. Aquêles pára-quedistas, em número de 120, eram balizadores. Tinham sido preparados numa escola especial instalada pelo Brigadeiro James M. Gavin, Subcomandante da 82.ª Divisão de Pára-Quedistas. Levavam a missão de marcar as zonas de lançamento numa área de 130 quilômetros quadrados da península, além da Praia Utah, para o ataque em grande escala dos pára-quedistas e planadores americanos que começaria uma hora depois.

—Quando descerem na Normandia—tinha-lhes dito Gavin—vocês só terão um amigo: Deus.

Desde o início os balizadores depa-raram com dificuldades. O fogo antiaéreo dos alemães era tão intenso que os aviões tiveram que desviar-se da rota. Apenas 38 dos 120 balizadores desceram no lugar marcado. O resto foi parar a quilômetros de distância.

Por tôda a área havia balizadores procurando orientar-se. Deslocando-se em silêncio de sebe em sebe, carregados de armas, minas, faróis e pai-

néis fluorescentes, partiram para os pontos marcados. Dispunham de uma hora para balizar as zonas de lançamento para o ataque americano em grande escala.

A 80 quilômetros dali, na extremidade oriental do campo de batalha da Normandia, seis aviões cheios de balizadores ingleses e seis bombardeiros da RAF rebocando planadores sobrevoavam a costa. O céu estava revôlto pelo violento fogo anti-aéreo e por tôda a parte pendiam os fantásticos candelabros dos artifícios iluminantes quando começaram os saltos.

Dois balizadores ingleses mergulharam do céu noturno diretamente no gramado em frente ao quartel-general do General Josef Reichert, Comandante da 711.^a Divisão Alemã. Reichert estava jogando cartas quando os aviões se fizeram ouvir e correu para fora com os oficiais, justamente a tempo de assistir à aterrissagem dos dois britânicos.

Seria difícil dizer quem se espantou mais, se os alemães, se os balizadores. O atônito Reichert pôde apenas exclamar:

—De onde é que vocês estão chegando?

Um dos balizadores, com todo o aprumo de quem acabasse de penetrar num coquetel, respondeu:

—Desculpe, meu velho, mas acontece que descemos aqui por acaso.

Reichert correu para o telefone, dentro do quartel-general.

—Quero falar com o quartel-general do 15.^o Exército—disse êle.

Mas, enquanto esperava que completassem a ligação, os faróis das zonas de lançamento começaram a brilhar, tanto no setor inglês como no americano. Alguns dos balizadores haviam encontrado as suas zonas.

Em St.-Lô, no comando da 84.^o Corpo, que vinha hierarquicamente logo depois do comando do Sétimo Exército, os oficiais de estado-maior se haviam reunido no quarto do General Erich Marcks para homenageá-lo com uma festa de aniversário de surpresa. Congregados num reduzido grupo em tórno do seu general perneta e de rosto severo (perdera uma perna na Rússia), os oficiais se perfilaram. Erguendo rigidamente as taças, beberam à sua saúde, beatificamente ignorantes do fato de que, enquanto faziam o brinde, milhares de pára-quedistas ingleses desciam em solo francês.

Para a maior parte dos pára-quedistas aquêle foi um momento que nunca esquecerão. O soldado Raymond Batten foi cair em cima de uma árvore. O seu pára-quedas se prendeu nos galhos e êle ali ficou, balançando-se nas correias a cinco metros do chão. A floresta ainda estava sossegada, e quando Batten puxou a faca para desembaraçar-se do pára-quedas, ouviu nas imediações o repentino crepitar de uma pistola de repetição Schmeisser. Um minuto depois houve uma agitação no mato abaixo dêle. Batten perdera a sua metralhadora Sten e teve de ficar ali, indefeso e dependurado, sem saber se quem se aproximava

dêle era um alemão ou outro pára-quedista.

—Fôsse quem fôsse, chegou e olhou para mim—recorda Batten.— Não tive outro jeito senão ficar absolutamente imóvel. A pessoa, pensando decerto que eu estava morto, como era meu desejo que pensasse, afastou-se.

Batten desceu da árvore o mais depressa possível e se encaminhou para a orla da floresta. No caminho encontrou o corpo de um jovem pára-quedista cujo pára-quedas não se abrira. Depois, quando caminhava à beira de uma estrada, um homem passou por êle na carreira, gritando alucinadamente:

—Mataram meu companheiro! Mataram meu companheiro!

Por fim, alcançando um grupo de pára-quedistas que se dirigiam para o ponto de reunião, Batten se viu ao lado de um homem que parecia em estado de choque completo. Caminhava sem olhar nem para a esquerda nem para a direita e inteiramente indiferente ao fato de que o fuzil que agarrava convulsivamente com a mão direita estava inteiramente vergado.

Estranhas coisas aconteceram a êsses pioneiros da invasão. O Tenente Richard Hilborn, do Primeiro Batalhão Canadense, lembra-se de que um pára-quedista caiu em cima do teto de uma estufa, “arrebentando tudo quanto era vidro e fazendo um barulho dos diabos”, mas conseguiu sair e correr antes que os vidros acabassem de cair. Outro

caiu, com absoluta precisão, dentro de um poço. Içando-se com as mãos nas cordas do pára-quedas, encaminhou-se para o ponto de reunião como se nada houvesse acontecido.

O inimigo mais sinistro naqueles minutos iniciais do Dia-D não foi o homem, mas o que o homem fizera com a natureza. Na zona inglêsa, na extremidade oriental do campo de batalha da Normandia, as precauções que Rommel tomara contra os pára-quedistas deram bom resultado. Mandara inundar o vale do Rio Dives, transformando em armadilhas mortais as águas e os pântanos. Nunca será conhecido o número dos que morreram naqueles ermos. Os sobreviventes dizem que os pântanos eram cortados por um labirinto de valas de 2,00 m de profundidade e 1,20 m de largura, cujo fundo era de lama pegajosa. Um homem que mergulhasse numa dessas valas, sobrecarregado de armas e de equipamento pesado, estava perdido. Houve quem se afogasse com a terra firme a alguns metros de distância.

No PARAPEITO de observação alemão que dominava a Praia Omaha, o Major Werner Pluskat ouviu o crescente ruído de um grande número de aviões à sua esquerda. Instintivamente, olhou de novo pela luneta. A baía estava deserta.

Em Ste.-Mère-Eglise, à esquerda de Pluskat, o ruído do bombardeio era próximo. Alexandre Renaud, prefeito e farmacêutico do lugar, sentia até o chão tremer. Tocou a

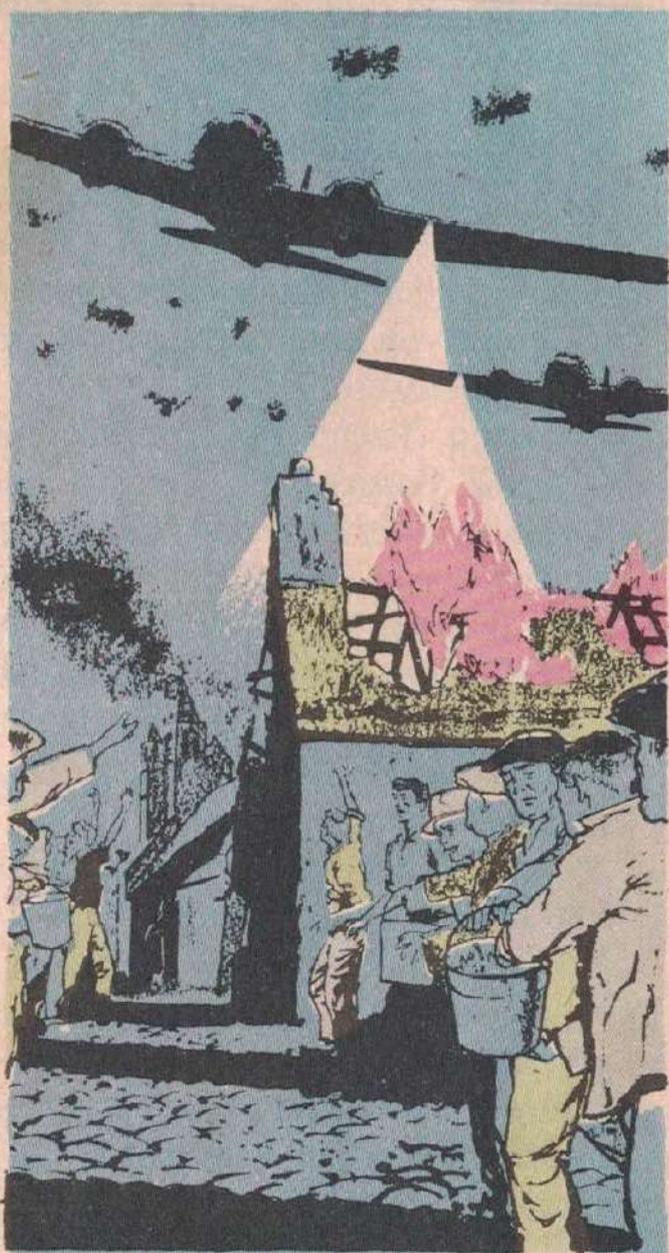
mulher e os três filhos para um abrigo antiaéreo improvisado, um corredor sólidamente estaqueado ao lado da sala de estar. Era meia-noite e dez. Lembra-se da hora, porque exatamente nesse momento bateram com força e com insistência na porta da rua. Antes mesmo de chegar à porta, Renaud viu do que se tratava — a vila de M. Hairon, do outro lado da praça, estava tóda em chamas.

Quem estava à porta era o chefe dos bombeiros do lugar, resplandecente no seu polido capacete que lhe descia até à altura dos ombros.

—Acho que a casa foi atingida por uma bomba incendiária desgarrada— disse êle.—Pode conseguir do comandante a suspensão do toque de recolher? Precisamos de gente para fazer uma linha de baldes para apagar o fogo.

O prefeito correu para o comando alemão, que ficava perto, e conseguiu a autorização. Então êle e outros saíram batendo nas portas e convocando a gente do lugar para ir ajudar. Dentro em pouco mais de 100 homens e mulheres estavam estendidos em duas longas filas, passando baldes de água de mão em mão. Cercavam-nos 30 guardas alemães, armados de fuzis e Schmeissers.

Renaud se recorda de que no meio dessa confusão se ouviu de repente o ruído dos aviões avançando bem na direção de Ste.-Mère-Eglise. Juntamente com o ronco cada vez mais forte dos motores ouvia-se, de instante a instante mais próximo, o pipocar do fogo antiaéreo, à medida



que cada bateria tinha as formações ao seu alcance. Na praça de Ste.-Mère-Eglise todos olhavam para cima, fascinados, esquecidos da casa em chamas. Depois os canhões alemães da cidade começaram a atirar e o fragor dos aviões passava sôbre as suas cabeças. Os aviões atravessavam uma barragem de fogo cruzado. As luzes dos aparelhos estavam acesas. Voavam tão baixo que os que estavam na praça instintivamente se abaixaram. Renaud se lembra de que os aviões lançavam “grandes som-

bras no chão, ao mesmo tempo que luzes vermelhas pareciam brilhar dentro dêles”.

Passavam em onda após onda as formações—os primeiros aviões da maior operação de pára-quedismo já tentada: 882 aparelhos transportando 13.000 homens da 101.^a e da 82.^a Divisão de Pára-Quedistas dos Estados Unidos, dirigindo-se para seis zonas de lançamento, tôdas elas num raio de poucos quilômetros de Ste.-Mère-Eglise. Os pára-quedistas saltavam dos seus aviões, uns após outros. O Tenente Charles Santarsiero estava postado na porta do seu avião, quando êste passou.

—Estávamos a cêrca de 120 metros de altura—recorda êle.—Eu podia ver línguas de fogo e soldados alemães correndo. Um verdadeiro inferno. Subia para nós o fogo da artilharia antiaérea e das pequenas armas e os nossos homens estavam bem no meio dêle.

Envolvida pela carnificina que a rodeava, a gente que estava na praça não dava atenção à poderosa frota de aviões cheios de pára-quedistas que continuavam a zumbir incessantemente no alto. Milhares de homens estavam saltando para as zonas de lançamento a noroeste da cidade e entre Ste.-Mère-Eglise e a área de invasão denominada Utah. Dêles dependia o destino de tôda a operação da Praia Utah.

Os americanos lutavam contra obstáculos tremendos. As duas divisões estavam perigosamente dispersas. Só um regimento—o 505.^o—

descera no ponto exato. Cêrca de 60% de todo o equipamento se perdera, inclusive a maior parte dos rádios, dos morteiros e da munição. Pior ainda era a perda de muitos homens. A rota dos aviões ia de oeste para leste, através da península que se estendia para o norte e que se levava 12 minutos para atravessar. Centenas de homens, sobrecarregados de equipamento, saltaram antes do tempo e caíram nos traiçoeiros pântanos. Muitos se afogaram, alguns em menos de 60 centímetros de água. Outros, saltando tarde demais, foram cair no Canal da Mancha.

O cabo Louis Merlano desceu numa praia, diante de um letreiro que dizia: “*ACHTUNG MINEN!*” Tinha sido o segundo homem do seu avião a saltar. Enquanto procurava recuperar o fôlego na praia, ouviu gritos à distância. Eram os últimos 11 homens do seu avião que estavam nesse momento se afogando no Canal.

Merlano saiu da praia rapidamente sem tomar conhecimento das minas. Pulou uma cêrca de arame farpado e correu para uma sebe. Já havia gente lá, mas Merlano não parou. Atravessou uma estrada e começou a galgar um muro de pedra. Nesse momento ouviu um grito de angústia às suas costas. Voltou-se. Um lança-chamas banhava a sebe que êle acabava de transpor e viu delineada pelo fogo a silhueta de outro pára-quedista.

Os americanos se reuniram naquela noite em inúmeros campos e prados, guiados pelo som de um grilo de

brinquedo. As suas vidas dependiam de um pouco de metal, no valor de alguns níqueis, transformado num brinquedo de criança. Uma nota do grilo tinha de ser respondida por uma dupla nota. Duas notas exigiam apenas uma em resposta. Ouvindo êsses sinais, os homens abandonavam os esconderijos e saíam das árvores, das valas, das paredes das casas, para cumprimentar-se.

Por tôda a Normandia, naquela noite, pára-quedaistas e soldados alemães se encontravam inesperadamente. A cinco quilômetros de Ste.-Mère-Eglise, o Tenente John Walas quase caiu em cima de uma sentinela alemã que estava em frente a um ninho de metralhadoras. Durante um terrível momento ficaram a olhar um para o outro. Depois o alemão deu um tiro à queima-roupa em Walas. A bala bateu no mecanismo de repetição do fuzil do tenente, que estava bem diante do seu estômago, passou-lhe de raspão pela mão e ricocheteou. Os dois homens deram as costas um ao outro e fugiram.

O Major Lawrence Legere teve presença de espírito e conseguiu livrar-se das dificuldades. Comandava um pequeno grupo de homens para o ponto de reunião. De repente foi intimado em alemão a parar. Legere não sabia alemão, mas falava francês fluentemente. Na escuridão do campo, disse em francês que era um jovem lavrador que fôra ver a sua pequena e estava de volta à casa. Enquanto falava, segurava uma granada. Sem deixar de falar, arrancou

o pino da granada e jogou-a, matando três alemães.

Houve momentos de confusão para todo o mundo, principalmente para os generais. Estavam sem oficiais, sem comunicações e sem soldados. O General Taylor se viu com muitos oficiais, mas com três soldados apenas.

—Nunca—disse-lhes êle—tão poucos foram comandados por tantos.

ESTE FOI, pois, o comêço. Os primeiros invasores do Dia-D, quase 18.000 americanos, inglêses e canadenses, estavam nos flancos do campo de batalha da Normandia. Entre êles ficavam as cinco praias da invasão e, além do horizonte, aproximando-se rapidamente, apenas a 20 quilômetros de distância, vinha o princípio da poderosa esquadra da invasão—mais de 5.000 navios, inclusive as lanchas de desembarque.

E os alemães ainda continuavam cegos. Havia muitos motivos para isso. O tempo, a falta que tinham de reconhecimento (apenas alguns aviões haviam sido mandados a sobrevoar as áreas de embarque nas semanas anteriores, e todos foram abatidos), a sua obstinada convicção de que a invasão *devia* ser feita pelo Pas-de-Calais... tudo isso contribuiu. Até os postos de radar lhes falharam naquela noite, perturbados por aviões aliados, que voavam ao longo da costa, soltando tiras de papel de estanho que embaçavam as telas.

(Continua na página 186)

O Dia Mais Longo da História

(Continuação da página 64)

Mais de duas horas se haviam passado desde que os primeiros pára-quedistas tinham saltado. Só então os comandantes alemães na Normandia estavam começando a compreender que talvez estivesse acontecendo alguma coisa importante. Começaram a chegar as primeiras notícias esparsas.

O General Erich Marcks, Comandante do 84.º Corpo, estava ainda na sua festa de aniversário quando o telefone tocou. Marcks pegou no receptor. O Major Friedrich Hayn, oficial do serviço secreto de Marcks, lembra-se de que “o corpo do general deu a impressão de inteiriçar-se enquanto escutava”. Quem estava telefonando era o General Wilhelm Richter, Comandante de 716.ª Divisão que defendia a costa acima de Caen. “Desceram pára-quedistas a leste do Orne. . . . A área atingida parece ser em torno de Bréville e Ranville. . . .”

Era a primeira notícia do ataque aliado a chegar a um quartel-general alemão importante. Eram 2h e 11m da madrugada.

Marcks telefonou imediatamente para o General Max Pemsel, Chefe do Estado-Maior do Sétimo Exército, que tratou de acordar o Comandante do Exército, General Friedrich Dollmann.

—General—disse Pemsel—creio que é a invasão. Quer vir imediatamente para cá?

Enquanto Pemsel esperava Dollmann, o 84.º Corpo fez novas comunicações: “. . . Pára-quedistas desceram perto de Montebourg e Marcouf. . . há tropas empenhadas em combate.”

Pemsel prontamente avisou o General Dr. Hans Speidel, Chefe do Estado-Maior do *Feldmarechal* Erwin Rommel, Comandante-em-Chefe do Grupo de Exército B, a mais poderosa força do Oeste Alemão. Rommel estava em férias na Alemanha.

Às 2h e 30m da madrugada, aproximadamente, o General Josef Reichert, da 711.ª Divisão, comunicou ao quartel-general do 15.º Exército, o segundo dos exércitos do Grupo B de Rommel, que estavam descendo pára-quedistas em Cabourg. O General Hans von Salmuth, que comandava o 15.º Exército, telefonou depois para Reichert, a fim de obter algumas informações de primeira mão.

—Que diabo está acontecendo por aí?—perguntou von Salmuth.

—Meu General—respondeu Reichert—se me der licença, deixarei que o senhor mesmo escute.

Houve uma pausa e von Salmuth pôde ouvir claramente pelo telefone o crepitar das metralhadoras.

—Obrigado—disse von Salmuth, e desligou.

Logo depois telefonou também para o Grupo de Exército B.

No quartel-general de Rommel aquêles momentos foram de estranheza e confusão. Continuavam a chegar, aos montes, de tôda a parte, notícias que eram, na sua maioria, inexatas, incompreensíveis e contraditórias. O comando da Luftwaffe em Paris anunciou que "50 a 60 aviões bimotores" estavam sobrevoando a península de Cherburgo, e que pára-quedistas haviam descido "perto de Caen". O quartel-general do Almirante Theodor Krancke—*Marinegruppenkommando West*—confirmou a descida de pára-quedistas inglêses, mas acrescentou que "parte dos lançamentos de pára-quedas consistia em manequins de palha". Minutos depois da sua primeira mensagem, a Luftwaffe comunicou que perto de Bayeux também haviam descido pára-quedistas. Na realidade, nenhum pára-quedista desceu ali. Outras notícias chegavam dizendo que as tropas transportadas de avião eram apenas "bonecos disfarçados de pára-quedistas".

A observação em parte era correta. Os Aliados haviam lançado centenas de bonecos de borracha, vestidos como pára-quedistas, ao sul da área de invasão da Normandia. Levavam amarradas fieiras de fogos de artifício, que explodiam quando tocavam ao solo, dando a impressão de uma luta com pequenas armas de fogo. Alguns dêsses bonecos iriam dar resultado no correr do dia, na batalha da Praia Omaha. Iriam enganar

o General Marcks, fazendo-o acreditar que estava sendo atacado pela retaguarda. O General Marcks teve de destacar para o sul, a fim de enfrentar o falso ataque, tropas que poderiam ter sido lançadas na cabeçade-praia.

No quartel-general de Rommel procurava-se febrilmente compreender a significação da erupção de pontos vermelhos por todos os cantos nos seus mapas. Se era a invasão, seria realmente desfechada contra a Normandia? Ou seriam os ataques apenas uma manobra diversionista com o fim de desviar a atenção da verdadeira invasão? Refletindo sôbre a situação, os oficiais alemães chegaram a conclusões que, em vista do que estava realmente acontecendo, parecem incríveis. Quando o Major Doertenbach, oficial do Serviço Secreto do OB Oeste [quartel-general de von Rundstedt], telefonou para o Grupo de Exército B à procura de notícias, disseram-lhe que "o chefe de estado-maior encarava a situação com tranqüilidade" e que "existe a possibilidade de que os pára-quedistas de que se têm notícias sejam simplesmente tripulantes de bombardeiros forçados a lançar-se de pára-quedas".

O Sétimo Exército não era dessa opinião. Às três horas da madrugada Pemsel telefonou para Speidel, a fim de comunicar-lhe que a estação naval de Cherburgo estava captando ruídos de navios ao largo, nos seus aparelhos direcionais de som. A resposta de Speidel foi que "a ação ainda era



local e, por enquanto, não devia ser considerada uma grande operação”.

Talvez os homens mais perplexos naquela noite em toda a Normandia fossem os experimentados 16.200 soldados da aguerrida 21.^a Divisão *Panzer*, que fizera parte do famoso *Afrika Korps* de Rommel. Dominando todas as aldeias, povoados e bosques, numa área que ficava 40 quilômetros a sueste de Caen, um dos principais objetivos britânicos, esses homens estavam parados quase na beira do campo de batalha. Desde que fôra dado o alarma aéreo, ficaram postados ao lado dos seus tanques e veículos, com os motores ligados, à espera da ordem de avanço. Com raiva e impaciência cada vez maiores, continuaram esperando.

JÁ OS PRIMEIROS reforços estavam chegando ao local em que se encontravam as tropas de invasão. Na zona inglesa 69 planadores haviam aterrissado—49 na pista de pouso exata, perto de Ranville. No outro lado do campo de batalha da Normandia, a seis quilômetros de Ste.-Mère-Eglise, estavam chegando os primeiros com-

boios de planadores americanos, esquivando-se por entre “um fogo antiaéreo tão espesso que se poderia aterrissar nêle”. Sentado no lugar do co-pilôto do planador-capitânea da 101.^a Divisão estava o General-de-Brigada Don Pratt. Segundo se disse, Pratt estava “tão alvoroçado como um colegial”, por estar fazendo o seu primeiro vôo de planador. Atrás vinha um cortejo de 52 planadores em grupos de quatro, cada planador rebocado por um Dakota. O comboio transportava jipes, canhões-antitanque, toda uma turma de serviços médicos e até um pequeno *bulldozer*.

O médico Emile Natalle vinha no planador logo atrás do do General Pratt. O planador ultrapassou a zona e foi espatifar-se num campo semeado de “espargos de Rommel”—grossos postes cravados no chão como obstáculos para planadores. Sentado num jipe dentro do planador, Natalle olhava por uma das pequenas janelas e viu com fascinado horror as asas serem arrancadas enquanto os postes passavam ruidosamente. Houve um barulho de coisa dilacerada e o planador se abriu pelo meio, justamente

15 BANCOS ÀS SUAS ORDENS

É muito mais fácil, agora, pagar os livros e assinaturas de Seleções. Uma sólida rede bancária põe à disposição dos nossos assinantes cerca de 2.000 agências onde os clientes são recebidos com a cortesia tradicional dos grandes bancos. Em ambiente agradável, sem espera, bastando apenas dirigir-se ao Caixa, torna-se possível efetuar os pagamentos de forma rápida, cômoda e segura.

Para tranquilidade dos assinantes, é esta, sem dúvida, a melhor maneira de pagar. Evitam-se os extravios de dinheiro, o crédito é feito imediatamente e, mais ainda, não há qualquer despesa extra.

Basta que o assinante preencha corretamente o Aviso de Débito, que lhe mandamos na época oportuna, e o apresente ao Caixa de uma das agências destes conceituados bancos:

- Banco Brasileiro de Descontos S/A
- Banco Comercial do Paraná S/A
- Banco do Comércio S/A
- Banco de Crédito Territorial S/A
- Banco Econômico da Bahia S/A
- Banco Hip. e Agr. do Est. Minas Gerais S/A
- Banco Ind. e Com. de S. Catarina S/A
- Banco Ind. e Com. do Sul S/A
- Banco da Lavoura de Minas Gerais S/A
- Banco Mercantil de Minas Gerais S/A
- Banco de Minas Gerais S/A
- Banco Mineiro da Produção S/A
- Banco Nacional do Com. e Produção S/A
- Banco Noroeste do Estado de S. Paulo S/A
- Banco do Rio Grande do Sul S/A

sob o jipe em que estava Natalle.

—Isso tornou muito fácil a minha saída—diz êle.

A pouca distância estavam os destroços do planador n.º 1, despedaçado de encontro a uma sebe. Natalle encontrou o piloto ali caído com as pernas quebradas. O General Pratt morrera instantaneamente, esmagado dentro da carlinga despedaçada. Foi uma das primeiras baixas nas aterrissagens da 101.ª Divisão e o primeiro general de um e do outro lado morto no Dia-D.

JÁ ERA quase de manhã—a manhã que 18.000 pára-quedistas esperavam. Em menos de cinco horas haviam correspondido de sobra à expectativa do General Eisenhower e do seu Estado-Maior. Os exércitos transportados por via aérea haviam lançado a confusão no meio do inimigo, haviam desorganizado as comunicações e, por fim, guarnecendo os flancos dos dois lados da área de invasão na Normandia, bloqueavam em grande parte o movimento dos reforços inimigos.

Na zona inglêsa, tropas transportadas em planadores dominavam as pontes importantes de Caen e do Orne, que êles haviam capturado num audacioso ataque desfechado pouco depois da meia-noite. Pára-quedistas haviam tomado posição nas elevações que dominavam Caen. Pelo amanhecer, as cinco passagens sôbre o Dives em poder dos alemães seriam demolidas. Assim, as principais missões inglêsas tinham sido

completadas e, enquanto as várias artérias pudessem ser mantidas, os contra-ataques alemães seriam retardados ou completamente bloqueados.

Na outra extremidade das praias de invasão, os americanos, apesar da dificuldade do terreno e da maior variedade de missões, também se haviam saído bem. Os homens dos exércitos de pára-quedistas aliados tinham invadido o continente, ali firmando inicialmente o pé. Estavam à espera das fôrças transportadas por via marítima, com as quais se internariam pela Europa de Hitler.

EM TÔDA a parte se esperava por aquela manhã, mas em nenhum lugar era a ansiedade maior do que do lado dos alemães. Pois nessa altura uma nota nova e sinistra começara a infiltrar-se na massa de mensagens que se derramavam nos quartéis-generais de Rommel e de von Rundstedt. Por tôda a costa da invasão os postos navais do Almirante Krancke estavam captando o som de navios, não apenas de um ou dois como até então, mas de dezenas. Durante mais de uma hora as notícias foram crescendo. Afinal, pouco antes das cinco da manhã, o persistente General Pemsel telefonou para o General Speidel e disse rudemente:

—Os navios se estão concentrando entre a foz do Vire e a do Orne. Um desembarque inimigo e um ataque em grande escala à Normandia estão iminentes.

O Marechal Gerd von Rundstedt, no seu quartel-general, o OB

SUPREMO
NO
CONFÔRTO
E NA
ELEGÂNCIA



VOANDO PELOS

SUPER CONSTELLATION DE LUXO

DA **VARIG**

na linha internacional para Nova York ou nas linhas domésticas entre o Sul e o Norte do Brasil, você viaja efetivamente nos mais modernos e luxuosos aviões em tráfego no hemisfério. Rapidez e serenidade de voo, radar para desviar as turbulências, amplas poltronas-leitos, e um serviço de bordo da mais alta classe.

VARIG

*Nos Céus
do Brasil
e das Américas*



Oeste, perto de Paris, chegara a conclusão semelhante. O assalto à Normandia ainda lhe parecia uma “manobra diversionista” e não a verdadeira invasão, mas, apesar disso, tomara providências rápidas. Já dera ordem a duas compactas divisões blindadas, a 12.^a S.S. e a *Panzer Wehr*, ambas estacionadas na reserva perto de Paris, para que se organizassem e marchassem a tóda a pressa para a costa. Por princípio, as duas divisões não podiam entrar em ação sem a autorização especial de Hitler. Mas von Rundstedt assumira o risco; não podia crer que Hitler revogasse a ordem. Expediu um pedido oficial sôbre o emprêgo das reservas.

No quartel-general de Hitler em Berchtesgaden, no ambiente suave e irreal do sul da Baviera, a mensagem foi entregue no gabinete do General Alfred Jodl, chefe das operações. Jodl estava dormindo e os seus auxiliares não julgaram que a situação fôsse já suficientemente grave para perturbar-lhe o sono. A mensagem podia esperar.

A cinco quilômetros de distância, no “Ninho da Águia”, o refúgio de Hitler nas montanhas, em Obersalzberg, o Führer e sua amante, Eva Braun, também estavam dormindo. Hitler fôra deitar-se, como de hábito, às quatro da madrugada, e o seu médico, o Dr. Morell, dera-lhe um hipnótico, sem o que já então êle não conseguia dormir. Mais ou menos às cinco da manhã, o assistente naval de Hitler, Almirante Karl Jesko von Puttkamer, acordou com um tele-

fonema do quartel-general de Jodl. A pessoa que telefonou—Puttkamer não se lembra quem foi—disse que tinha havido “uma espécie de desembarque na França”. Não se sabia ainda ao certo de nada. Disseram a Puttkamer que, na verdade, os primeiros comunicados recebidos eram “extremamente vagos”. Julgava Puttkamer que o Führer devia ser informado? O assunto foi discutido, ficando resolvido não acordar Hitler. Puttkamer se recorda de que “não havia, na verdade, muito para dizer-lhe e ambos receávamos que, se eu fôsse acordá-lo naquela ocasião, êle poderia começar uma das suas intermináveis crises de nervos que frequentemente o levavam às mais desarrazoadas decisões”. Resolveu por isso que poderia esperar até de manhã para dar a notícia a Hitler.

Na França, os generais do OB Oeste e do Grupo de Exército B estavam à espera. Tinham pôsto de prontidão as suas fôrças, ao mesmo tempo que convocavam as reservas de *Panzer*. Cabia aos Aliados o lance seguinte. Ninguém podia calcular a extensão do assalto iminente. Ninguém sabia—ou podia sequer conjecturar—qual era o tamanho da frota aliada. E, embora tudo apontasse para a Normandia, ninguém tinha realmente certeza de onde seria desfechado o grosso do ataque. Os generais alemães tinham feito tudo o que podiam. O resto dependia dos soldados comuns da Wehrmacht, que defendiam as fortificações costeiras. Ali os soldados do Reich olhavam para o

mar, sem saber se se tratava de um exercício de alerta ou da invasão de verdade.

Desde uma hora da madrugada que o Major Werner Pluskat, no seu parapeito dominando a Praia Omaha, não tivera qualquer notícia dos seus superiores. Na verdade, o simples fato do seu telefone não ter tocado durante tôda a noite era um bom sinal. Devia significar que nada de grave estava acontecendo. Mas como se explicariam então os pára-quadistas, as formações compactas de aviões? Pluskat tornou a esquadriñar lentamente o horizonte. Tudo parecia tranqüilo.

Atrás dêle, no parapeito, os seus oficiais, Wilkening e Theen, estavam conversando calmamente. Pluskat aproximou-se dêles.

—Nada ainda—disse êle.—Creio que vou desistir.

Resolveu, porém, olhar ainda uma vez. Sem grande interêsse, fêz girar a luneta mais uma vez para a esquerda. Foi lentamente percorrendo a linha do horizonte. Chegou bem ao centro da baía. A luneta parou. Pluskat arregalou os olhos, atônito.

Através da névoa cada vez mais rala o horizonte se enchia de navios como por encanto—navios de todos os tamanhos e feitios, navios que manobravam displicentemente de um lado para outro, como se ali estivessem há horas. Parecia haver milhares dêles. Era uma fantástica frota que parecia de algum modo ter surgido ali por artes mágicas. Pluskat olhava sem querer acreditar no que via, sem

poder falar, emocionado como nunca se sentira em tôda a sua vida. Naquele momento o mundo do bom soldado Pluskat começou a desmoronar-se. Diz êle, que naqueles primeiros momentos compreendeu, com calma e certeza, que “aquêle era o fim da Alemanha”.

Virou-se para Wilkening e Theen e, com uma estranha displicência, disse-lhes simplesmente:

—É a invasão. Vejam!

Em seguida pegou o telefone e ligou para o Major Block, no quartel-general da 352.^a Divisão.

—Block—disse Pluskat—deve haver uns 10.000 navios ali.

Mal acabou de dizer isso, compreendeu que as suas palavras não deviam parecer dignas de crédito.

—Calma, Pluskat!—exclamou Block.—Os americanos e os inglêses juntos não têm tantos navios assim. Ninguém tem tantos navios!

A incredulidade de Block dissipou o torpor de Pluskat.

—Se não acredita—gritou êle de repente—venha ver pessoalmente. É fantástico! É inacreditável!

Houve uma pequena pausa e, por fim, Block perguntou:

—Para onde se dirigem os navios?

Pluskat, com o telefone na mão, olhou pela abertura do abrigo e respondeu:

—Bem em minha direção.

NUNCA se vira um amanhecer como aquêle. À luz densa e cinzenta, a grande frota aliada estava postada, em tôda a sua majestosa e temível

grandeza, diante das cinco praias de invasão da Normandia. O mar fervilhava de navios. Pavilhões de batalha tremulavam ao vento em tôda a extensão através do horizonte, desde o limite da zona Utah, na península de Cherburgo, à Praia Espada, perto da foz do Orne. Silhuetados contra o horizonte estavam os grandes couraçados, os ameaçantes cruzadores, os contratorpedeiros ligeiros como galgos. Atrás dêles vinham os pesados navios de comando, ostentando a sua floresta de antenas. Mais atrás ainda vinham os comboios de transporte e barcos de desembarque cheios de tropas, baixos e pesados dentro da água. Em volta dos transportes que iam à frente, esperando o sinal para se dirigirem às praias, havia verdadeiros enxames de balouçantes lanchas de desembarque, superlotadas com os homens que desembarcariam nas primeiras ondas.

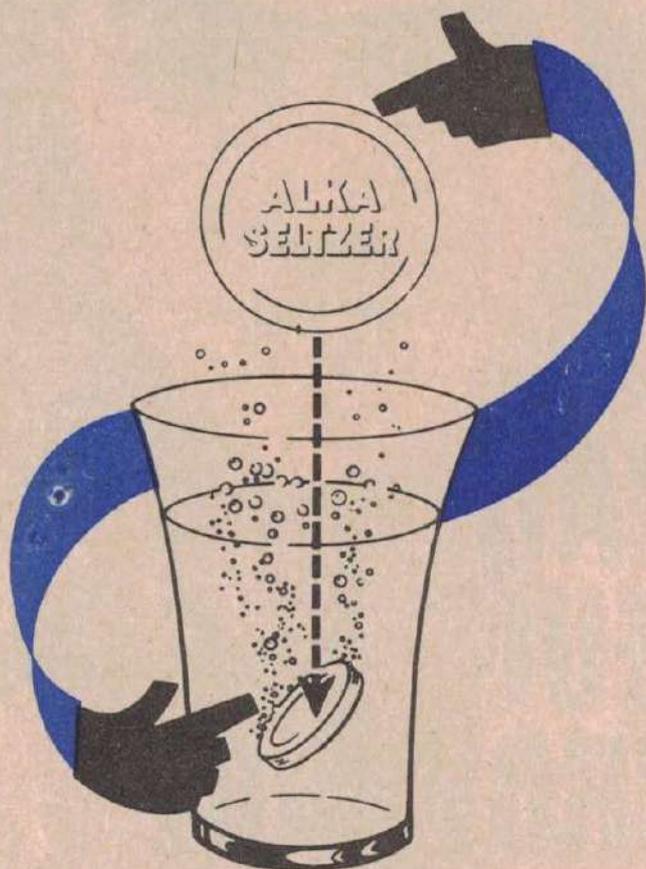
Essa grande e extensa massa de navios estava cheia de rumor e atividade. Giravam molinetes enquanto guindastes faziam girar para fora veículos anfíbios. Rangiam correntes nos turcos, que arriavam lanchas de assalto. E, através de tudo isso, vinha das instalações de alto-falantes dos navios um fluxo contínuo de mensagens e exortações: "Lutem para levar os soldados até à terra, lutem para salvar os navios e, se ainda lhes restar alguma fôrça, lutem para salvar a própria vida. Lembrem-se de Dunkerque! Lembrem-se de Coventry! Deus os proteja a todos. . . . *Nous mourrons sur le sable de notre France*

chérie, mais nous ne retournerons pas (Morreremos nas areias da nossa querida França, mas jamais bateremos em retirada). . . . É isto pessoal! Vocês só têm bilhete de ida, e êste é o fim da linha. Vamos, 29.^a Divisão!" E em seguida as duas mensagens de que os homens se lembram melhor: "Todos os botes à água" e "Pai Nosso, que estais no Céu, santificado seja o Vosso nome . . ."

Botes e mais botes atropetados de soldados se juntavam às lanchas de assalto em movimento, que rodeavam incessantemente os navios maiores. Encharcados, enjoados e aflitos, os homens que iam nos botes é que teriam de romper caminho na Normandia. Carregar os barcos no mar agitado era uma tarefa complexa e arriscada. Os soldados levavam tanto equipamento que quase não se podiam mover. Tinham salva-vidas de borracha, armas, mochilas, ferramentas para cavar trincheiras, máscaras contra gases, caixas de pronto-socorro, cantis, facas, rações e quantidades reforçadas de granadas, explosivos e munições, que na maioria dos casos iam até 250 tiros. Além disso, muitos homens levavam a sobrecarga do equipamento especial que as tarefas particulares que tinham de executar exigiam. Alguns homens calculam que pesavam no mínimo 140 quilos quando atravessaram as cobertas preparando-se para desembarcar.

Quando entravam nos pequenos botes, os soldados veteranos diziam aos novatos que estavam com êles o que deviam esperar. No navio de

DOR DE CABEÇA?



MÁ DIGESTÃO?

tome

Alka-Seltzer

Marca Registrada

(Diga Alcacelsa)

Alka-Seltzer toma-se completamente dissolvido, e assim oferece rapidamente alívio eficaz para a má digestão e a dor de cabeça. Lembre-se... **Alka-Seltzer** significa alívio rápido, em mais de 100 países.

Dissolvido completamente...

alivia rapidamente!

guerra inglês *Empire Anvil*, o cabo Michael Kurtz, da Primeira Divisão, reuniu o seu pelotão em seu redor.

—Quero que todos fiquem com a cabeça bem abaixo da borda—disse êle.—Logo que formos avistados, ficaremos sob o fogo inimigo. Se passarmos, tanto melhor. Se não, isto aqui é um excelente lugar para morrer. Vamos embora!

Quando Kurtz e os seus homens tomavam lugar no bote pendente dos turcos, ouviram gritos embaixo. Outro bote havia caído de ponta, despejando dentro da água todos os seus ocupantes. O bote de Kurtz foi arriado sem qualquer transtôrno.

Eram cinco e meia da manhã. O horário dos desembarques estava marcado numa escala quase de minuto a minuto.

Tudo fôra tão cuidadosamente sincronizado que o equipamento pesado, como a artilharia, era esperado na Praia Omaha 90 minutos depois da Hora-H, e até guindastes, caminhões com lagarta, veículos de manutenção dos tanques e transportes de todos os tipos estavam marcados para chegar às 10h e 30m. Era uma escala complicada e minuciosa que dava a impressão de que não poderia ser observada, coisa que muito provavelmente os planejadores também haviam levado em consideração.

A primeira vaga de tropas de assalto não podia ainda divisar as praias brumosas da Normandia. Estavam ainda a mais de nove milhas de distância. Alguns navios de guerra já estavam trocando tiros com as bate-

rias navais de costa dos alemães, mas a ação era remota e impessoal para os homens das primeiras levadas, pois ninguém estava atirando diretamente nêles. O maior inimigo que tinham ainda era o enjôo.

No NAVIO-CAPITÂNEA *Augusta*, que estava ao largo das praias visadas pelos americanos, o General Omar N. Bradley tapou com algodão os ouvidos e olhou pelo binóculo as lanchas de desembarque que avançavam velozmente a caminho das praias. Suas tropas, os homens do Primeiro Exército dos Estados Unidos, avançavam firmemente. Bradley se achava extremamente preocupado. Soubera poucas horas antes que elementos de uma forte divisão alemã, a aguerrida 352.^a, tomara posição ao longo da Praia Omaha. A informação chegara tarde demais para ser transmitida às tropas de assalto. Por fim, ia começar o bombardeio naval que êle esperava tornasse mais fácil a tarefa dos homens. Quatro milhas ao largo da Praia Omaha, a bordo do contratorpedeiro americano *Carmick*, o Comandante Robert O. Beer apertou um botão do sistema de intercomunicação do navio e disse:

—Atenção! Esta festa é, provavelmente, a maior a que vocês assistirão em tôda a vida, rapazes! Portanto, vamos todos para o salão e toca a dançar!

Eram 5h e 50m da manhã. Havia mais de 20 minutos que a Esquadra Inglesa estava atirando contra as suas

produtos



BRASILIT

de cimento-



BRASILIT

amianto



BRASILIT

- tubos "esgôto"
- tubos "ventilação"
- tubos "pressão"
- eletrodutos
- chapas onduladas
- chapas lisas
- caixas d'água
- caixas de descarga
- quebra-sois

s. a. tubos brasilit

sede: marconi, 131 • 7.º • 34-4127 • s. paulo

fábricas: s. paulo • recife • pôrto alegre

praias. Naquele momento começou o bombardeio na zona americana. Toda a área da invasão entrou em erupção num fragoroso temporal de fogo. O turbilhão de som reboava para trás e para diante, ao longo da costa da Normandia, enquanto os grandes navios martelavam incessantemente os alvos previamente escolhidos. O céu plúmbeo se iluminava com os quentes relâmpagos dos canhões e pelas praias grandes nuvens de fumaça negra começavam a subir em novelos no ar.

Ao largo da Praia Omaha, os grandes couraçados *Texas* e *Arkansas*, equipados conjuntamente com um total de 10 canhões de 14 polegadas, 12 de 12 e 12 de 5, despejaram 600 granadas sobre a posição das baterias costeiras no alto da Pointe du Hoc, num esforço maciço para abrir caminho para os batalhões de comandos que avançavam em direção aos escarpados penhascos de 30 metros de altura. Ao largo das praias Espada, Juno e Ouro, os couraçados ingleses *Warspite* e *Ramillies* lançavam toneladas de aço dos seus canhões de 15 polegadas contra as poderosas baterias alemãs do Havre e em torno da foz do Orne. Cruzadores e contratorpedeiros em movimento despejavam torrentes de balas em ninhos de metralhadoras, parapeitos e redutos de concreto. Com incrível pontaria, o certo navio inglês *Ajax* destruiu uma bateria de quatro canhões de seis polegadas de uma distância de seis milhas da praia.

Um novo ruído se fez ouvir então

sobre os navios. Lentamente a princípio, como o zumbido de uma enorme abelha, depois aumentando até chegar a um máximo de fragor, apareceram os caças e bombardeiros. Sobrevoavam a compacta massa de navios, quase com as asas unidas, formação atrás de formação—11.000 aviões. Spitfires, Thunderbolts e Mustangs silvavam sobre a cabeça dos homens que estavam nos botes de assalto. Com aparente indiferença pela chuva de balas que partia da esquadra, metralhavam as praias e as pontas de invasão, tomavam altura, davam a volta e atacavam de novo.

Cruzando por sobre eles estavam os bombardeiros médios B-26 da Nona Fôrça Aérea dos Estados Unidos e, mais acima, perdidos de vista na espessa camada de nuvens, os Lancasters ingleses da RAF e as Fortalezaes Voadoras e Liberators da Oitava Fôrça Aérea Americana. Dir-se-ia que o céu não poderia contê-los a todos. Os soldados olhavam para cima e ficavam a vê-los, de olhos úmidos e rostos contraídos, numa súbita emoção quase insuportável. Pensaram então que tudo iria ficar resolvido naquele momento mesmo. Havia a cobertura aérea—o inimigo fixado nas suas posições, os canhões destruídos, as praias esburacadas de crateras-abrigos. Mas os 329 bombardeiros designados para a Praia Omaha, que não tinham boa visibilidade em virtude das nuvens compactas e não queriam arriscar-se a bombardear as suas próprias tropas, estavam lançando as suas bombas cinco

quilômetros para o interior dos seus alvos—as mortíferas defesas da Praia Omaha.

No seu abrigo sôbre a Praia Omaha, o Major Werner Pluskat estava pensando na quantidade de tiros a que a sua posição poderia resistir. Outra bala atingiu a parede do penhasco, bem na base da posição oculta. O choque da detonação fêz Pluskat girar, jogando-o para trás e fazendo-o cair pesadamente no chão. Choveram sôbre êle pó, terra e blocos de cimento. Nada via através da poeira branca, porém ouvia os gritos dos seus homens. As balas golpeavam repetidamente o penhasco. Pluskat ficara tão atordoado com o abalo que mal podia falar.

O telefone estava tocando. Era o quartel-general da 352.^a Divisão.

—Qual é a situação?—perguntaram.

—Estão bombardeando—conseguiu dizer Pluskat.—O bombardêio é pesado.

Ouviu então bombas que explodiam muito para trás da sua posição. Outra salva de tiros atingiu o alto do penhasco, arremessando uma avalanche de terra e de pedras através das aberturas do parapeito.

Os tiros cessaram por um momento e Pluskat, aproveitando-se da pausa, telefonou para as suas baterias. Com grande surpresa verificou que nenhum dos seus 20 canhões—todos êles Krupps de vários calibres, novinhos em fôlha—tinha sido atingido. Não podia entender como as ba-

terias, tôdas a cêrca de 800 metros da costa, tinham conseguido escapar. Não havia nem uma só baixa entre as guarnições.

Encaminhou-se para uma abertura e olhou. Parecia que havia ainda mais barcos de assalto no mar do que da última vez que olhara, e estavam mais perto. Dentro em pouco estariam ao seu alcance. Telefonou para o Tenente-Coronel Ocker no quartel-general do regimento.

—Todos os meus canhões estão intatos—comunicou êle.

—Ótimo—disse Ocker.—Agora convém voltar imediatamente para o seu quartel-general.

—Vou voltar—disse Pluskat aos seus oficiais de artilharia.—Não se esqueçam: nenhum canhão deve atirar enquanto o inimigo não chegar à beira da água.

As lanchas de desembarque que levavam as tropas da Primeira Divisão dos Estados Unidos para o seu setor na Praia Omaha já não tinham muito que andar. Por trás das escarpas as guarnições dos canhões nas quatro baterias de Pluskat esperavam que os barcos se aproximassem um pouco mais.

Nessa altura as longas filas ondulantes das lanchas de assalto estavam a menos de uma milha das praias Omaha e Utah. Para os americanos da primeira leva faltavam apenas 15 minutos para a Hora-H.

No alto, como uma grande copa de guarda-chuva de aço, as balas da esquadra ainda estrondeavam. E da

costa para o interior, estendendo um tapête de bombas, troavam as explosões da aviação aliada. Coisa estranha, os canhões da Muralha do Atlântico dos alemães estavam mudos. Os soldados viam estender-se à frente a linha da costa e se admiravam da ausência do fogo inimigo. Talvez, depois de tudo, pensaram muitos, o desembarque fôsse fácil.

As grandes rampas quadradas das lanchas de assalto batiam de encontro às ondas e a fria e espumante água verde salpicava todo o mundo. Não havia ainda heróis naquelas embarcações, mas apenas homens enregelados, sofredores e ansiosos.

Alguns não tinham tempo de pensar nos seus sofrimentos, pois estavam baldeando água desesperadamente. Muitas das lanchas estavam começando a fazer água. A princípio, os homens não tinham dado muita atenção à água que lhes batia nas pernas. O Segundo-Tenente George Kerchner, dos comandos, viu a água subir pouco a pouco na sua lancha e ficou na incerteza sobre a gravidade do fato. Tinham-lhe dito que as lanchas eram insubmersíveis. Foi então que pelo rádio os soldados de Kerchner ouviram um brado de socorro. "Fala a Lancha 860!... Lancha 860!... Estamos afundando!... Estamos afundando!" Depois, ouviu-se uma exclamação final: "Meu Deus, afundamos!" Kerchner e seus homens puseram-se imediatamente a esgotar a água.

Outras lanchas começaram a submergir, tanto na área de Omaha

como na de Utah. Alguns homens foram recolhidos por escaleres de socorro; outros levaram horas boiando dentro da água. E alguns soldados, sem que os seus gritos fôsem ouvidos, foram arrastados para o fundo pelo equipamento e pela munição que levavam. Morreram afogados à vista das praias, sem terem dado um tiro.

Então a mortífera música marcial do bombardeio pareceu crescer e engrossar quando as estreitas filas ondulantes das lanchas de assalto convergiram para a Praia Omaha. Os navios de desembarque, que estavam cerca de um quilômetro ao largo, juntaram-se ao bombardeio e, então, milhares de foguetes fulgurantes sibilaram sobre as cabeças dos homens. Parecia inconcebível às tropas que alguma coisa pudesse sobreviver ao pêso maciço do fogo que varria as defesas alemãs. A praia estava envolta em névoa e novelos de fumaça do mato incendiado flutuavam lentamente pela encosta dos penhascos. Ainda assim os canhões alemães continuavam mudos. Os barcos avançavam. Os soldados já podiam ver na arrebenção e na praia as florestas letais dos obstáculos de aço e de cimento. Estavam espalhados por toda a parte, revestidos de arame farpado e encimados por minas. Por trás das defesas, a praia estava deserta; nela não se movia nada nem ninguém.

Cada vez os barcos se aproximavam mais... 450 metros... 400 metros. Nada de fogo inimigo ainda.

Perfeição absoluta
nos detalhes...



fuji

Fabricado no Japão, especialmente para o nosso clima.
EM TÔDAS AS BOAS CASAS DO RAMO

Lince 1223

As lanchas de assalto avançavam por entre ondas de metro a metro e meio de altura e, então, o grande bombardeio começou a ser levantado, transferindo-se para alvos situados mais no interior. Os primeiros barcos estavam apenas a 350 metros da praia quando os canhões alemães abriram fogo—os canhões que poucos acreditavam pudessem ter sobrevivido ao furioso bombardeio aéreo e naval aliado.

Através do estrépito e do clamor havia um ruído mais próximo e mais mortífero do que todos os outros: o das balas das metralhadoras que batiam no focinho de aço da proa das lanchas. Em seguida, a artilharia abriu fogo. Choviam balas de obus, e em tôda a extensão de seis quilômetros da Praia Omaha os canhões alemães martelavam as lanchas de assalto.

Era a Hora-H.

O fogo mais intenso sôbre a “Sangrenta Omaha” vinha dos penhascos e morros de ambos os lados da baía em forma de meia-lua—no setor Dog Green da 29.^a Divisão a oeste, e no Fox Green, da Primeira Divisão a leste. Ali os alemães haviam concentrado as suas mais fortes defesas para guardar dois dos principais caminhos que saíam da praia em Vierville em direção a Colleville. Em tôda a praia os homens encontraram fogo nutrido e concentrado quando os seus barcos chegaram, mas as tropas designadas para o desembarque em Dog Green e

Fox Green não tiveram qualquer oportunidade. Os artilheiros alemães, das suas posições nos penhascos, olhavam quase diretamente para as lanchas de assalto embaixo, que avançavam fazendo água e balançadas pelas ondas para aqueles setores da praia. Difíceis de governar e lentas, as embarcações estavam quase paradas dentro da água. Acertá-las era como atirar em patos pousados.

Alguns dos barcos se desviaram ao largo da praia à procura de um ponto menos defendido. Outros, tentando obstinadamente aportar nos setores que lhes tinham sido designados, foram de tal modo metralhados que os soldados se atiravam das suas bordas para dentro da água ainda profunda, onde eram imediatamente colhidos pelo fogo das metralhadoras.

Algumas lanchas de desembarque foram despedaçadas pelas balas quando se aproximavam da terra.

Em tôda a Praia Omaha o lançamento das rampas de desembarque pareceu dar o sinal para um fogo de metralhadora renovado e mais concentrado. E o mais mortífero fogo era ainda nos setores Dog Green e Fox Green. Os homens caíam à beira da água. Alguns morriam instantaneamente; outros pediam angustiosamente os socorros do corpo de saúde, enquanto a maré em preamar os ia lentamente arrastando. Nos primeiros minutos do massacre de Dog Green tôda uma companhia ficou fora de ação. Menos de um têrço dos homens sobreviveu ao trajeto sangrento dos barcos para a beira da

TOMOU SEU TODDY HOJE?



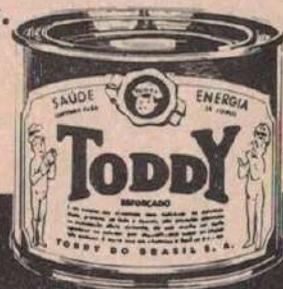
TODDY os mantém cheios de vida, fortes e vigorosos!

TODDY contém porque contém mesmo. TODDY contém tudo o que os homens, mulheres e crianças necessitam para dar novas fôrças, vigor, energia e rapidez mental. TODDY é único. TODDY não tem nem pode ter similares.

Qualidade!

Qualidade!

**Qualidade
comprovada!**



praia. Com os seus oficiais mortos, gravemente feridos ou desaparecidos, os soldados, sem armas e desorientados, aninharam-se no sopé dos penhascos.

Foram sem conta os infortúnios que assaltaram os soldados na Praia Omaha. Muitos descobriam que tinham ido desembarcar em setores diversos do que lhes cabia. Alguns chegaram à praia quase a três quilômetros de distância das suas áreas de desembarque. Os engenheiros do Exército e da Marinha, especializados em demolição, incumbidos da tarefa de abrir caminho através dos obstáculos da praia, não só foram dispersados por uma grande área, mas também chegaram aos seus objetivos importantíssimos minutos depois da hora marcada. Êsses homens frustrados procuravam entrar em ação no lugar onde se encontravam. Porém se empenhavam numa batalha perdida. Nos poucos minutos de que dispunham até as sucessivas levadas de tropas chegarem às praias, os engenheiros só abriram cinco caminhos e meio em lugar dos 16 previstos. Trabalhando com rapidez frenética, as turmas de demolição se viam estorvadas a cada passo: soldados de infantaria andavam pelo meio delas, outros soldados se refugiavam por trás dos obstáculos que iriam destruir, e lanchas de desembarque, impelidas pelas ondas, avançavam quase sobre elas.

Eram sete horas da manhã. A segunda leva de tropas chegou às ruínas que eram a Praia Omaha. A his-

tória foi a mesma—os homens saltavam para a água na beira-da praia sob o fogo de saturação do inimigo. Outras lanchas de desembarque iriam aumentar o cemitério cada vez maior de cascos naufragados e incendiados. Cada leva de barcos pagava o seu tributo sangrento à maré montante.

Na praia empilhavam-se os destroços da invasão. Por tôda a parte se espalhavam materiais e abastecimentos. Os destroços retorcidos das lanchas de desembarque se inclinavam fantásticamente, saindo de dentro da água. Tanques incendiados lançavam para o alto grandes espirais de fumaça negra. Havia *bulldozers* caídos de banda entre os obstáculos. Perto de Easy Red, boiando no meio de todo o material de guerra, via-se um violão.

A terceira leva chegou ao caos, à confusão e à morte que reinavam na praia... e parou. Os homens se estenderam em massa compacta nas areias, nas pedras e na ardósia. Agacharam-se atrás dos obstáculos; abrigaram-se entre os corpos dos mortos. Paralisados pelo fogo inimigo que haviam julgado já neutralizado, desorientados com o seu desembarque em outros setores, espantados com a ausência das crateras de abrigo que esperavam que o bombardeio aéreo houvesse aberto e atônitos com a devastação e a morte que havia por tôda a parte, os homens estacaram nas praias. Pareciam dominados por uma estranha paralisia.

Diante de tudo isso, alguns homens acreditaram que a partida esti-

vesse perdida. O Sargento-Técnico William McClintock, do 741.º Batalhão de Tanques, deparou com um homem sentado à beira da água, aparentemente indiferente ao fogo de metralhadoras que caía por toda a área. Estava ali sentado, “jogando pedras para dentro da água e chorando mansamente, como se o seu coração fôsse partir”.

Não durou muito o choque. Logo alguns homens aqui e ali, compreendendo que a permanência na praia significava morte certa, levantaram-se e partiram.

A 15 quilômetros dali, na Praia Utah, a história era diferente. Ali os homens da Quarta Divisão do General Raymond O. Barton estavam chegando compactamente em terra e seguindo rapidamente para o interior. A terceira leva de lanchas de assalto estava chegando e encontrava apenas ligeira oposição.

Um dos primeiros oficiais que desembarcaram na Praia Utah foi o General Theodore Roosevelt. O militar de 57 anos, o único general que desembarcara com as tropas da primeira leva, havia insistido em participar da missão. De vez em quando, uma bala de morteiro explodia na praia, levantando no ar uma chuva de areia.

Os tanques anfíbios tinham sido um fator importante no êxito dos desembarques. Até então só Roosevelt e alguns outros oficiais sabiam da existência de outro motivo para que as forças desembarcadas em

Utah houvessem encontrado tão pequena resistência. Graças a um erro feliz, haviam desembarcado onde não deviam. Desorientado pela fumaça do bombardeio naval, arrastado por uma correnteza forte, um barco de controle isolado havia guiado a primeira leva para um local de desembarque quase dois quilômetros ao sul da praia fixada. Em vez de invadir a praia em frente às Saídas 3 e 4—duas das cinco vias de penetração vitais para as quais a 101.ª Divisão de Pára-Quedistas se estava dirigindo—a cabeça-de-praia estabelecida ficava a cavaleiro da Saída 2.

Na praia, perto da entrada da Saída 2, Roosevelt estava prestes a tomar uma importante decisão. Dali por diante, de espaço a espaço, deveriam desembarcar outras levas de homens e veículos—ao todo 30.000 homens e 3.500 veículos. Seriam seguidos pelos homens da Nona e da 90.ª divisões. Cabia a Roosevelt decidir se as sucessivas levas deveriam ser encaminhadas para aquela área nova e relativamente calma, com apenas uma via de penetração, ou se todas as outras tropas de assalto com o seu equipamento deveriam ser desviadas para a anterior Praia Utah, com as suas duas vias de acesso para o interior. Se a única saída não pudesse ser aberta e mantida, haveria uma confusão apavorante de homens e veículos bloqueados. O general reuniu os seus comandantes de batalhão. A decisão foi tomada. Em vez de lutar pelos objetivos previstos, a Quarta Divisão avançaria para o

interior pelo caminho único e tomara posições alemãs quando e onde as encontrasse.

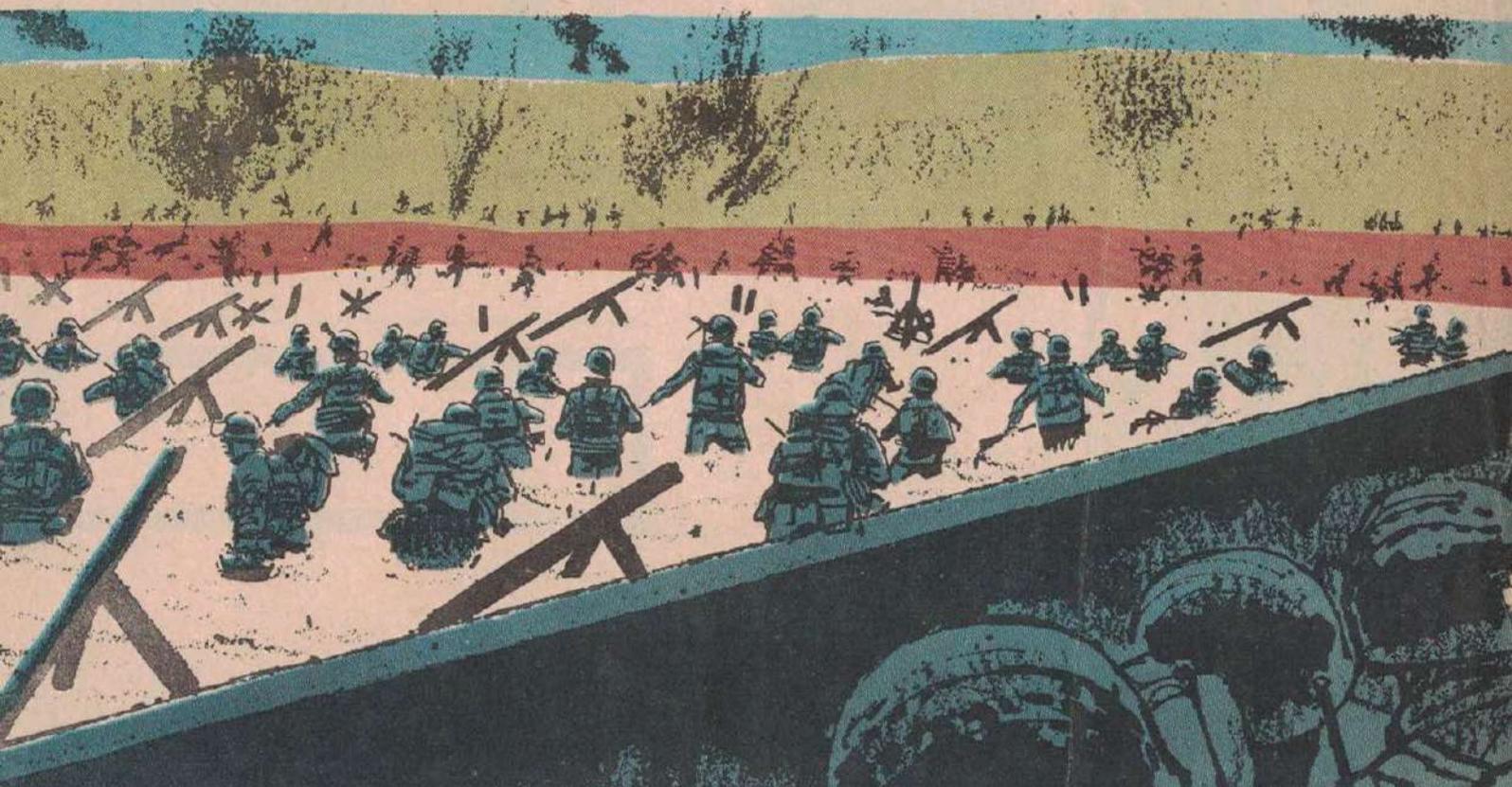
Tudo passava a depender da rapidez com que se movessem antes que o inimigo voltasse a si da surpresa inicial dos desembarques. Os homens da Quarta afastavam-se da praia com rapidez.

—Vou à frente com as tropas— disse Roosevelt.—É aqui que vamos começar a guerra.

ENQUANTO isso, os ingleses e canadenses estavam desembarcando nas praias chamadas Espada, Juno e Ouro. Num espaço de quase 25 quilômetros—de Ouistreham, na foz do Orne, à aldeia de Le Hamel, a oeste—a linha da costa estava atopetada de lanchas de desembarque a descarregar soldados. Diante das praias o mar se transformou num depósito de lanchas de assalto. As levadas de barcos começaram a acumular-se quase umas em cima das outras. O telegra-

fista John Webber, numa lancha que levava comandos dos Fuzileiros Reais para a Praia Espada, achou que “o desembarque era uma tragédia”. Quando se aproximou da praia, Webber viu “lanchas encalhadas e em chamas, massas retorcidas de metal na praia e tanques e *bulldozers* incendiados”.

No todo, porém, as tropas inglesas e canadenses encontraram menos resistência no seu assalto do que os americanos encontraram em Omaha. Tendo tido uma Hora-H marcada para mais tarde, a Esquadra Inglesa tivera mais tempo de saturar as defesas costeiras e os soldados puderam desembarcar nas suas praias e marchar para o interior. Da Praia Ouro, da Juno e da Espada, os ingleses e canadenses se espalharam terra adentro. Fariam os maiores avanços do Dia-D, mas não conseguiriam capturar o objetivo principal—Caen. A rija 21.^a Divisão *Panzer* lhes impediria o acesso a essa importante cidade da



Normandia nas cinco semanas seguintes.

BERCHTESGADEN estava em sossêgo e paz naquele princípio de manhã. As nuvens se acastelavam sôbre as montanhas em tórno e no retiro de Hitler tudo estava tranqüilo. Mas no quartel-general do Führer, a três quilômetros de distância—a *Reichskanzlei*—O General Alfred Jodl, chefe de operações de Hitler, começara a estudar os primeiros comunicados sôbre a invasão da Normandia. Ainda não julgava grave a situação.

O vice-chefe de operações, General Walter Warlimont, telefonou.

—Rundstedt está pedindo a liberação das reservas blindadas—disse êle.—Quer mandá-las o mais depressa possível para as áreas de invasão.

Warlimont se lembra de que houve um longo silêncio enquanto Jodl refletia sôbre o pedido.

—Tem tanta certeza assim de tudo isso?—perguntou Jodl.—Não sei ain-

da se se trata da invasão. Não creio que seja o momento de liberar as reservas. . . . Temos de esperar que a situação se esclareça.

Warlimont ficou surpreso com a interpretação literal dada por Jodl à determinação de Hitler sôbre o controle das divisões *Panzer*. Como diria mais tarde: “A decisão de Jodl foi a que êle julgava que Hitler teria tomado.” Daí por diante, a decisão de liberar as divisões *Panzer* dependia do capricho de um homem—Hitler. E naquele dia, quando a derrota da invasão aliada dependia de força e rapidez, a decisão chegaria mais tarde—só daí a oito horas e meia.

Enquanto isso, o homem que previra exatamente essa situação e que tinha pensado em discuti-la com Hitler estava a menos de uma hora de automóvel de Berchtesgaden. O *Feldmarechal* Erwin Rommel estava na sua casa em Herrlingen, em Ulm. Eram 7h e 30m. Não há indício no



Diário de Guerra do Grupo de Exército B, minuciosamente escriturado, de que o *Feldmarechal* tivesse sido até então informado sequer dos desembarques na Normandia.

Até êsse momento, embora a invasão já se estivesse processando havia sete horas e meia, o estado-maior de von Rundstedt e o quartel-general de Rommel não podiam avaliar todo o alcance do ataque aliado. Por tôda a extensão da frente de batalha a vasta rêde de comunicações estava interrompida. Os pára-quedistas haviam trabalhado bem. Como disse o General Max Pemsel, do Sétimo Exército, num telefonema para o quartel-general de Rommel:

—Estou fazendo o tipo de batalha que deve ter feito Guilherme, o Conquistador—de vista e ouvido. Os meus oficiais telefonam e dizem: “Ouço ruídos e vejo navios”, mas não me podem dar uma idéia exata da situação.

Entretanto, no quartel-general do Sétimo Exército, em Le Mans, os oficiais estavam entusiasmados. Parecia que a intrépida 352.^a Divisão, atacando a cabeça-de-praia na área Vierville-Colleville, já havia desbaratado a invasão. Estavam com o moral tão elevado que, quando o 15.^o Exército mandou oferecer reforços, o oficial de operações do Sétimo Exército os recusou.

—Não há necessidade—disse êle.

No quartel-general de Rommel, no velho castelo do Duque de la Rochefoucauld, em La Roche-Guyon, reinava um ambiente de otimismo

semelhante. O Coronel Leodegard Freyberg recorda que “a impressão geral era de que os Aliados seriam repelidos até ao mar antes do fim do dia”. O Vice-Almirante Friedrich Ruge, assistente naval de Rommel, participava da euforia geral. Mas Ruge observou uma coisa estranha: a criadagem do Duque circulava calmamente pelo castelo tirando das paredes as preciosas tapeçarias Gobelins.

ERAM 9h e 30m na Inglaterra. O General Eisenhower andara de um lado para outro a noite inteira, à espera de cada comunicado que chegava. Já não havia dúvida de que se havia conseguido firmar pé no continente. Embora êsse ponto de apoio fôsse mínimo, já êle não teria necessidade de distribuir o comunicado que redigira tranqüilamente apenas 24 horas antes. Na hipótese de que o empreendimento aliado fôsse destruído, havia êle escrito: “Os nossos desembarques na área Cherburgo-Havre deixaram de conseguir uma penetração satisfatória e eu ordenei a retirada das tropas. A minha decisão de atacar nesta ocasião e naquele lugar se baseou nas melhores informações ao meu alcance. As tropas, a aviação e a marinha fizeram tudo o que a bravura e a obediência ao dever podiam fazer. Se há qualquer culpa ou êrro relacionados com o esforço, só a mim cabem.”

Em lugar disso, um comunicado muito diferente foi distribuído pelo rádio para o mundo, às 9h e 33m.